

FALA FAVELA! USOS E APROPRIAÇÕES DA INTERNET EM LAN HOUSES DAS PERIFÉRIAS CARIOCAS.

Pâmella Passos

UFF/IFRJ¹

pamellapassos@yahoo.com.br

1. Considerações Iniciais

Apresentando reflexões ainda que preliminares de uma pesquisa de doutorado em curso, o artigo a seguir tem como principal objetivo indicar as nuances no percurso de pesquisa que se utiliza da história oral como ferramenta de trabalho. Tendo como objeto de pesquisa lan houses² situadas em favelas cariocas, especificamente Acari na Zona Norte, e Santa Marta na Zona Sul, o desenvolvimento da pesquisa ganha contornos distintos, atuando numa área onde a tensão entre o silenciamento e a denúncia assume um papel muito especial.

Assim, caminhar entre os becos e vielas destas comunidades deixa mais evidente as dúvidas, anseios e questionamentos da equipe de pesquisa³, fazendo-nos questionar sobre a importância de dar visibilidade a esses processos, buscando com isto superar o que Leila Domingues Machado (2004) denomina de “desafio ético da escrita”. Tal desafio, segundo a autora, implica em trazer à baila, percursos em geral silenciados. Na visão da autora, falar das leituras usadas e renegadas, dos caminhos desfeitos, dos encontros e desencontros é falar de si e do outro, abrindo espaço para alteridade.

Fica patente que ao realizar a referida pesquisa, teremos como elementos prioritários a garantia da privacidade de todos aqueles que contribuirão como entrevistados, inclusive por se tratar de regiões que apresentam problemas relativos a tráfico de drogas e incursões policiais. Além disto, o diário de bordo do trabalho de

¹ Doutoranda do PPGH da Universidade Federal Fluminense e Professora/Pesquisadora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

² Lojas, em geral em casas particulares, que possuem cerca de 10 computadores com acesso à internet. Nesse locais os usuários pagam um valor por hora para fazer uso de serviços da rede como: jogos, acesso à Orkut,MSN, e-mail, dentre outros.

³ Um desdobramento desta pesquisa também se encontra cadastrado no IFRJ, contando com a participação da aluna Tatiana Gama, bolsista de Iniciação Científica Júnior.

campo, atuará no sentido de registrar os (des)caminhos da pesquisa, acolhendo nossas dificuldades e sucessos, almejando uma escrita ética.

2. O trabalho sobre e nas lan houses: o método cartográfico e a produção de fontes

Ao traçar como uma de nossas metas a escrita ética descrita acima, foi necessário recorrer a opções teórico-metodológicas que dessem conta deste processo. Neste aspecto, encontramos na psicologia social, referenciais muito importantes para nos ajudar em tal desafio. No presente artigo apresentaremos duas destas contribuições, quais sejam: a noção de pesquisa-intervenção e o método cartográfico.

Começamos por esclarecer ao nosso leitor, o que entendemos como uma pesquisa-intervenção, para então posteriormente delinear o que constitui o método cartográfico e como este será empregado em nossa pesquisa. Para tal nos referenciamos na obra de Virgínia Kastrup (2008), em que a autora discorre sobre sua proposta de método cartográfico de pesquisa-intervenção.

Cabe destacar, que nesta proposta metodológica, a produção do conhecimento não se dissocia da transformação do objeto. Assim, pensando em nosso caso específico, poderíamos indicar que a análise das lan houses em periferias, não está dissociada de projetos e propostas institucionais que visem interferir/potencializar estas realidades.

A proposta defendida por Kastrup busca romper com o modelo de pesquisa positivista que defende a eliminação da participação do pesquisador na produção do conhecimento objetivo e a suposta neutralidade da pesquisa. Segundo a autora:

A pesquisa-ação crítica revela-se potencializadora da organização de grupos e de espaços de participação coletiva incluindo, no seio do próprio método, a articulação entre pesquisa e política. (2008, p.5)

Compreendendo as comunidades e as lan houses como espaços coletivos, cremos que tal proposta metodológica tem muito a contribuir no desenvolvimento de nosso projeto. Sob a ótica da pesquisa-intervenção compreende-se como necessário o envolvimento do pesquisador com o seu trabalho, sendo então adotado o conceito de implicação. Implicar-se com a pesquisa significa, sobretudo, por fim ao lugar de suposta neutralidade reservado ao pesquisador nas concepções mais científicas e positivistas.

Aprofundado por René Lourau, o conceito de implicação, traz como uma de suas principais contribuições, a constatação de que num processo de pesquisa, sujeito e objeto não ocupam pólos estáveis, sendo a pesquisa situada exatamente no meio, entre esses espaços, buscando recorrentemente desestabilizar tais pólos, respondendo por sua transformação. Assim, ao adotar esta perspectiva estamos falando de uma pesquisa com os frequentadores das lan houses em comunidades populares e não sobre eles, a simples alteração de uma pequena palavra, implica registrar nossa concepção de que o conhecimento produzido nesta pesquisa será feito de forma coletiva, onde os objetos também serão compreendidos como sujeitos e a equipe de pesquisa também será analisada.

Assim, optar pela pesquisa-intervenção, numa pesquisa em que trabalharemos com comunidades populares, a nosso ver significa escolher um caminho no qual estaremos recorrentemente analisando nosso papel, buscando, como dito anteriormente, deslocar o lugar de pesquisador que possui e da comunidade que, por ser “carente”, recebe. Com esta movimentação pretendemos fugir da utilização de um saber científico que recorrentemente anula o saber das mulheres, das crianças e dos loucos, posto que na disputa frente ao saber científico o saber social tem sido recorrentemente reprimido, inferiorizado e culpabilizado (Rocha & Aguiar, 2007p. 656).

A comunidade de Acari se constitui no primeiro espaço geográfico em que nossa opção pela pesquisa-intervenção ganhou corpo. Nela, a lan house priorizada para um acompanhamento mais sistemático, é conhecido como “lan house do Freitas”⁴, e possuía dez computadores e um servidor. Neste momento, o estabelecimento encontra-se com nove computadores, pois o dono vendeu um aparelho para investir numa máquina mais nova.

Apesar de vivenciar o cotidiano de apenas uma lan house em Acari, temos acompanhado todo um processo de organização/realização de atividades sócio-culturais na comunidade através do contato constante com moradores/ativistas da região. Em 2009, a comunidade com apoio da orientadora da presente pesquisa ganhou um edital do Ministério da Cultura para criação de um ponto de cultura em Acari. Infelizmente, os envolvidos no projeto não conseguiram superar a fase de recolhimento e envio da documentação necessária, o que acabou por inviabilizar o recebimento da verba. Tal

⁴ Com objetivo de proteger a imagem de nosso informante de pesquisa, optamos por utilizar o pseudônimo Freitas.

processo, a nosso ver, aponta para as dificuldades, recorrentemente, enfrentadas pela cultura popular ao ter que se submeter às políticas públicas orientadas por editais e burocracias distantes de seu cotidiano.

Relatar este nosso acompanhamento, tem por objetivo esclarecer ao nosso leitor que não somente queremos vivenciar o cotidiano da lan house do Freitas, mas também da comunidade em que ela está situada. Tecendo redes e descortinando possibilidades, temos nos embrenhado em Acari, um novo mundo para nós desconhecido, e que desde o início não queremos explorar ou catequizar como antigos colonizadores.

Articulada a perspectiva da pesquisa- intervenção emerge a cartografia, uma proposta de trabalho que vislumbramos como bastante interessante para o desenvolvimento da pesquisa que estamos propondo. Segundo a definição de Virgínia Kastrup

A cartografia é um método proposto por Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1995) para o estudo da dimensão processual da subjetividade e de seu processo de produção. O método cartográfico não equivale a um conjunto de regras prontas para serem aplicadas, mas exige uma construção *ad hoc*, que requer a habitação do território investigado e a implicação do pesquisador no trabalho de campo. (2008, p.6)

Em artigo intitulado “O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa- intervenção”(2008) a autora afirma que a cartografia, entendida por ela enquanto uma metodologia, não se limita a analisar apenas os produtos de uma pesquisa, pondo a lupa em topo o processo.

A partir desta escolha, objetivamos recusar a recorrente dicotomia denunciada por Alessandro Portelli (1996) onde temos “de um lado, a ilusão do testemunho como uma tomada de consciência imediata, de primeira mão, autêntica e fiel à experiência histórica; e, de outro, a divisão do trabalho entre o materialismo das fontes e a intelectualidade do historiador e do sociólogo.” Sob este prisma, o pesquisador não é aquele que irá simplesmente coletar dados, ao contrário, este está ciente de que ao habitar um território de investigação, ele está, também, produzindo suas fontes, dialogando com as subjetividades presentes no ambiente pesquisado.

Adotando esta metodologia, pretendemos habitar os espaços das lan houses, não só com entrevistas formais, mas buscando através de atividades, gravadas e/ou filmadas produzir materiais que posteriormente serão analisados. Nosso objetivo é ultrapassar o modelo tradicional de entrevistas com perguntas e respostas, mergulhar nesse cotidiano,

e através de dispositivos como charges, músicas, reportagens, filmes e cursos fazer dialogar a demanda desses jovens e nossos objetivos de pesquisa, que pretendemos ir redefinindo ao longo da pesquisa, visto que como pontuamos, desejamos uma pesquisa com estes sujeitos e não apenas sobre eles.

Com este intuito, retomamos o debate acerca da pesquisa-intervenção, destacando que temos como meta, imbricar nossa formação advinda do campo da História com a proposta cartográfica, nesse sentido, esperamos que esta “mistura” concretize-se como potente. Porém, estamos cientes que erros e acertos também fazem parte do processo e como tal serão analisados.

Cabe aqui destacar os quatro níveis da pesquisa-intervenção pontuados por Kastrup (2008), para quem este processo implica afetar: os participantes, o pesquisador, o problema de pesquisa e o campo de investigação. Nossa opção pela pesquisa-intervenção e pela cartografia, parte da convicção de que ao adentrarmos no espaço da lan house com objetivos acadêmicos, estaremos, em certa medida, desvirtuando do padrão de seus frequentadores, frequentadores esses que passam também a ser nosso objeto/sujeito de pesquisa, através de entrevistas e relatos. Porém, que experiências de entrevistas esses jovens possuem? Qual a proximidade que eles têm com a narrativa formal acerca do seu próprio cotidiano? Percebem questões no seu dia a dia que sejam relevantes para uma pesquisa acadêmica?

Tal debate ganha especial valor se pensarmos que a lan house é um espaço prioritariamente habitado por jovens marcados pela pouca aproximação com a narrativa tradicional, filhos de uma época onde o contar não é mais interessante, ou ainda como ressalta Walter Benjamin (1994), a experiência, assim como a narrativa, vive o seu declínio:

(...) está claro que as ações de experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. (...) Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem. (1994, p. 114)

No trecho acima, Benjamin faz referência ao silêncio daqueles combatentes que retornaram da Primeira Guerra trazendo em suas bagagens experiências e narrativas que por seu horror não mereceriam ser contadas. Experiências de morte, de destruição, de desumanização do inimigo. E em certa medida, o advento, ou ainda o avanço

tecnológico teria contribuído nesse processo, pois a ciência, utilizada na produção de metralhadoras e bombas mais potentes, serviu nesse contexto histórico para o exercício da violência em larga escala.

Partimos do entendimento que os jovens de Acari e Santa Marta, locais de desenvolvimento de nossa pesquisa, não vivenciam uma situação de pobreza ou declínio de experiência, o que ocorre em nossa hipótese, é que as linguagens pelas quais estes dão visibilidade as suas experiências, com frequência são desvalorizadas socialmente. Diferentemente dos combatentes que voltam mudos da Guerra, os jovens dessas favelas, enfrentam diversas batalhas cotidianas e a nosso ver encontram em ferramentas da internet: jogos, Orkut, MSN, blogs entre outros, formas e linguagens para não silenciar acerca de tais experiências. A questão que se coloca então é a incapacidade do saber científico dialogar/reconhecer essas manifestações de resistência que enfrentam e subvertem a lógica de invisibilidade destinada a esses setores.

Dentre as heranças da modernidade podemos elencar a desvalorização da experiência, a perda de *status* da narrativa, o esvaziamento da oralidade e a ascensão da cientificidade escrita e objetiva, que por assim ser, acredita proteger-se da parcialidade e das marcas individuais ou coletivas de determinados sentimentos e impressões. A própria história oral, enquanto vertente historiográfica encontra-se permeada por tal debate, pois como aponta Philippe Joutard (1996) em seu artigo intitulado, *História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos*, alguns militantes da história oral, enxergam na historicização da memória uma espécie de traição, que iria macular os testemunhos.

Abandonando o anseio por descobrir verdades, ou manter uma suposta imparcialidade, pretendemos mergulhar no cotidiano dessas lan houses, emaranhando-nos em suas múltiplas realidades, possibilitando-nos conhecer e sermos conhecidos. Pretendemos com isto escutar as diversas vozes presentes nesses espaços, abrindo os ouvidos para narradores que por vezes foram marginalizados e silenciados.

3. Falsa consciência? Uma reflexão sobre o olhar do pesquisador

Como indicamos anteriormente a partir das ponderações de Portelli (1996), é de suma importância problematizar o testemunho ou ainda a entrevista como um momento de tomada de consciência. Tal processo, a nosso ver, nos coloca frente à uma discussão

acerca do conceito de ideologia, em especial, seus desdobramentos nas noções de falsa consciência/ alienação. Nosso interesse justifica-se devido à postura, em geral elitista, de acadêmicos de esquerda ou progressistas, que ao se debruçarem sobre as juventudes populares não identificam nenhuma forma de resistência destes grupos, incorporando explicitamente ou não, a premissa de que estes estão alienados e não adquiriram a consciência de sua classe.

Com intuito de realizar esta discussão, recorreremos às contribuições do historiador inglês Edward Thompson, árduo marxista que não se furtou de fazer duras críticas as leituras que ele julgou simplificadoras dos escritos de Marx e Engels. Juntamente com outros historiadores mundialmente conhecidos, como Eric Hobsbawn e Christopher Hill, Thompson fez parte do grupo de historiadores do Partido Comunista Britânico, tornando-se militante do movimento popular inglês após a 2ª Guerra Mundial.

Cabe destacar que as críticas thompsonianas não são exclusivamente historiográficas ou teóricas, em 1956 o autor abandona o PC inglês por não concordar com suas posições políticas e ideológicas. A partir deste instante, Thompson irá dedicar sua militância a causa anti-nuclear na Europa, sendo um dos mais atuantes militantes do movimento, até o seu falecimento no início da década de 1990.

Antes de apresentar os argumentos de E.P. Thompson, é importante compreendê-lo no contexto do que ficou conhecido como o “grupo” dos estudos culturais britânicos. Trata-se do coletivo de historiadores, antigos amigos e correligionários do PC inglês, que teve seu auge entre os anos 1946-1956. O ponto comum entre esses historiadores marxistas era o fato de privilegiar fortemente nos esquemas explicativos, as relações de produção sobre as forças produtivas, enfatizando assim o aspecto humano e histórico deste processo.

Nos diversos livros do historiador inglês, fica bem explícito sua oposição a dicotomia marxista base/superestrutura, indicando que esta tende a simplificar os processos históricos. Além disto, ele dedica boa parte de sua produção no estudo das classes sociais, com ênfase em como se deveria encarar historicamente a consciência de classe.

É exatamente neste aspecto que a obra do autor contribui em nossa pesquisa. Criticando a visão em geral de partidos, seitas ou mesmo teóricos, na qual a consciência de classe é vista não como ela é, mas como deveria ser, Thompson afirma:

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas. (1987, p. 9)

Partindo de nossa realidade de pesquisa, não nos interessa pensar como os jovens freqüentadores das lan houses deveriam agir, e sim analisar como eles estão agindo, quais são suas apropriações, buscando perceber neste cotidiano, o que existe de resistência e reprodução. Corroboramos assim, da afirmação thompsoniana de que se a classe não existe como algo fixo, também é inexistente a consciência de classe, logo tanto a classe materialmente falando, quanto a sua percepção enquanto grupo, o que se denomina de consciência de classe, são processos históricos delimitados temporalmente.

Sob essa perspectiva, o marxista britânico aponta que se apenas analisarmos a história num determinado recorte, não enxergaremos as classes, mas sim uma multidão de indivíduos e um amontoado de experiências. No entanto, se a lupa for posta nestes homens durante um período adequado de mudanças sociais, poderemos observar padrões em suas relações, ideias e instituições, constata-se com isto que a classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história. (THOMPSON, 1987, p. 12)

Acusando a teoria de prevalecer sobre os fenômenos históricos que se propõe a teorizar, Thompson destaca que infelizmente a noção de classe como categoria estática tem conquistado muito peso em setores bastante relevantes do pensamento marxista. Na visão do autor, durante muitos anos foi dada excessiva atenção, de maneira anti-histórica, ao conceito de classe social, relegando ao segundo plano a noção de luta de classes, que para ele é o conceito prioritário.

Buscando fugir desta lógica, nossa pesquisa, que apresenta em suas opções teóricas uma orientação marxista, visa priorizar as relações de enfrentamento ou reprodução com o sistema capitalista destas juventudes, ao invés de buscar categorizar sua classe social, afirmando se estes estão conscientes ou alienados. Nosso foco é pensar como os jovens freqüentadores de lan houses em comunidades populares usam a rede para baixar músicas, vídeos, divulgar suas produções culturais e denunciar suas realidades, atuando assim, diretamente na luta de classes, tendo importância secundária

para nós a definição de classe deste grupo. Nossa opção se dá pois como ressalta o historiador britânico

(...) as classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para mim, as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de um certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós de interesses e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe, vindo, pois a fazer a descoberta da sua consciência de classe. (THOMPSON, 2001, p.274)

Em nossa hipótese, a internet constitui hoje um potente espaço para percepção destes nós de interesses que podem aglutinar estas juventudes em rede. Como exemplo, poderíamos citar dois recentes acontecimentos: o primeiro deles o projeto de lei do senador Eduardo Azeredo (PSDB-MG) que pretende bloquear as práticas criativas e atacar a Internet, enrijecendo todas as convenções do direito autoral, projeto este que ficou conhecido na rede como AI-5 Digital; e o segundo seria a chegada ao Brasil do Elysians, uma espécie de Orkut só para pessoas ricas e famosas, ou ainda como os próprios criadores definem “comunidade on-line só para quem pode celebrar a vida em grande estilo”.

Observamos nestes dois exemplos, embates que atuam diretamente na realidade cotidiana desses jovens frequentadores de lan houses, visto que através da rede podem baixar músicas e vídeos, compartilhando de produtos culturais que antes lhes eram negados pelo alto custo financeiro e/ou falta de acesso. Assim como, a criação de um “Orkut seletivo” indica uma distinção de classe que vem tentando ser mascarada na contemporaneidade.

Ora, se assumirmos a perspectiva thompsoniana é exatamente a partir desses nós, desses embates na realidade concreta que emerge a identidade de classe, pois como ele afirma não podemos golpear a história para salvar as categorias. E através deste cotidiano, a nosso ver, potente e em ebulição, que as juventudes populares estão encontrando caminhos de resistência e emancipação.

Como um acadêmico extremamente comprometido com os movimentos populares, Edward Thompson não se furta de criticar os seus próprios pares intelectuais, muitos da tradição marxista, a quem dirige a ácida observação

(...) os intelectuais sonham amiúde com uma classe que seja como uma motocicleta cujo assento esteja vazio. Saltando sobre ele, assumem a direção,

pois têm a verdadeira teoria. Essa é uma ilusão característica, é a “falsa consciência” da burguesia intelectual. Mas quando semelhantes conceitos dominam a inteira *intelligentsia*, podemos falar de “falsa consciência”? Ao contrário, tais conceitos terminam por ser muito cômodos para ela. (2001, p. 281)

Pretendemos nós também, através de uma pesquisa que não só observa e estuda os movimentos populares, mas também se insere neles, contribuir para alteração do *status quo* da sociedade capitalista contemporânea, travando embates fora e talvez, sobretudo, dentro do universo acadêmico.

4. Considerações Finais

*A minha alma tá armada e apontada
Para cara do sossego!
Pois paz sem voz, paz sem voz,
Não é paz, é medo!*

O Rappa

No contexto carioca em que a política de segurança pública é organizada a partir de um slogan de “pacificação”, torna-se fundamental problematizar a paz que se quer. Nesse contexto, a pesquisa por nós realizada, e que atua no Morro Santa Marta, comunidade atualmente “pacificada”, e em Acari, favela que ainda está sob o domínio do tráfico, e consta no projeto de “pacificação” do governo estadual, valorizar e, sobretudo, dar visibilidade as diversas vozes das juventudes desses territórios é uma tarefa urgente.

Para tal objetivo, assume importância destacada as novas tecnologias de comunicação e informação, as TIC’S, que se apropriadas pela cultura popular, ganham uma dimensão emancipadora e de resistência. Ou ainda, como indica Milton Santos (2006), a globalização assume sua faceta de possibilidade, não se restringindo a sua dimensão de fábula, divulgada constantemente na grande mídia, na qual se consolida um novo mito de progresso calcado no avanço tecnológico, ou em sua realidade mais perversa que continua excluindo a maior parcela da sociedade dos serviços e bens essenciais à humanidade.

Em nossa hipótese, a cultura popular aliada à tecnologia, em nosso caso a internet e as ferramentas disponíveis na rede, possibilitam que os jovens das favelas cariocas não silenciem sobre suas experiências. O refrão a seguir é parte da rap 788 de autoria do MC Fiel, morador do Morro Santa Marta, que através da sua arte apresenta ao mundo a experiência de ser morador desta favela carioca

Rio de Janeiro, Botafogo, Zona Sul
Comunidade Santa Marta, 73 anos de resistência, meus parceiros!
Subir, descer, descer, subir todos os dias
Pode acreditar!

Refrão

788 pra chegar lá no pico
788 tem que ter fé em Cristo
788 pra mim chegar em casa
788 é a real do Santa Marta

(788- MC Fiel)

A favela internacionalmente conhecida pelas ilustres passagens de: Michael Jackson, Madona e mais recentemente da primeira dama francesa Carla Bruni Sarkozy, ganha o mundo agora pela voz e imagem de seus moradores. Fruto da produção do núcleo “Visão da Favela”⁵ a realidade do morador da favela mais íngreme do Rio de Janeiro é contada através do curta metragem 788, que em junho de 2009 ganhou o festival Câmera Mundo na Holanda. É a favela falando...

Acari, Zona Norte, região conhecida não só por sua famosa feira onde tudo se vende e tudo se compra, mas também pela inaceitável chacina em julho de 1990, na qual 11 jovens foram seqüestrados e mortos por homens que se identificaram como policiais. Essa comunidade também faz ouvir suas múltiplas vozes, que até os dias de hoje seguem sendo perseguidas e ameaçadas. Dentre as formas encontradas destacamos o funk, manifestação cultural intensamente disseminada na região. A música assume, como em outros momentos da história brasileira, um caráter de denúncia

Quem é você pra falar dos meus erros
Tú não me conhece não sabe quem sou
A luta que tive e a fome que a minha família passou
Onde tava você na hora do perrengue
Porque você não tava lá seu doutor
A sociedade hoje fala de mim mas ninguém me ajudou

Refrão

Lá no morro o barraco na chuva descia
Mamãe lavadeira trabalhava em casa de família

⁵ Maiores informações no blog <http://visaodafavelabr.blogspot.com/>

Papai desempregado piorava a situação
Alcoolizado da rua, sempre tinha agressão
Não tive chances, pois não nasci herdeiro não
Só fiz o que eu achei certo, peço a Deus o perdão.

(Barraco no morro- Mc Pingo/Ex Força do Rap)

Esses jovens, diferentemente dos soldados que Benjamin (1994) cita, não voltam mudos de seu genocídio cotidiano, não estão mais pobres de experiência, ao contrário, transbordam de relatos que encontram na internet um caminho, ainda possível de denúncia com menos censura, ainda que as retaliações insistam em fazer calar a favela. Nesse sentido, é preciso fazer ecoar os versos do Rappa que apresentamos em nossa epígrafe: “Paz sem voz, não é paz, é medo!”

5. Bibliografia (rever)

AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes(orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas,1998.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. – Obras escolhidas volume 1.

DUPAS, Gilberto. *O mito do progresso*. São Paulo: Unesp,2006.

KASTRUP, V. *O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção*. in: Pesquisa-intervenção na infância e juventude. Rio de Janeiro: Trarepa/Faperj, 2008.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACHADO, Leila Domingues. *O desafio ético da escrita*. Revista Psicologia & Sociedade, vol.16 nº1. Porto Alegre, 2004.

MARX, Karl & ENGELS, Friederich. *A ideologia Alemã*. Trad. Luís Cláudio de Castro e Costa. São Pulo: Martins Fontes,1989.

PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Revista Tempo, Rio de Janeiro,vol.1, nº.2,1996.p.59-72.

ROCHA, Marisa Lopes. & AGUIAR, Katia Faria de. *Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referências e dispositivos em análise*. In: Psicologia, Ciência e Religião,2007,27(4). p.648-663.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

THOMPSON, Edward.P. *A formação da classe operária*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3v.

_____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.